

# A BANDEIRA DA PAZ

Raul Pilla

**N**ÃO pretendo discutir a oração de Natal do sr. Nereu Ramos. Não há discussão quando somente uma das partes pode falar. Não me ocuparei, pois, com a sua teoria dos acontecimentos de novembro, os quais na primeira entrevista do general Lott têm a sua explicação autêntica.

Sem embargo disto, é de acolher desde já um passo do seu discurso: aquêle em que, como abrindo caminho ao seu apêlo ao congraçamento e à concórdia, reconhece que o regime constitucional instaurado em 1946 «já reclama uma revisão capaz de adaptá-lo às condições do nosso meio político e de dar maior equilíbrio e eficiência ao sistema de governo que praticamos».

Em verdade, somente uma reforma profunda pode satisfazer o país e desarmar a oposição, cujo dever primeiro é lutar pela regeneração dos nossos costumes políticos. Do contrário, não haveria em torno de que fazer-se o congraçamento. A oposição cederia, mas neste caso cederia realmente em benefício do País, e não em detrimento dêle; cederia para permitir se viesse a praticar a verdadeira democracia, embora sob a égide do sr. Juscelino Kubitschek; cederia sem aderir aos vencedores, somente por terem sido os vencedores.

O sr. Nereu Ramos levantou, pois, a bandeira que poderá ser a bandeira da paz. Não basta, porém, tê-la agitado num dia universalmente propício aos bons sentimentos. Mister se faz promover alguma coisa de concreto, pois ninguém se acha em melhores condições para tanto. Promova êle as reformas essenciais e preliminares e, mais do que haver assinalado, terá justificado a sua passagem pela presidência da República.

Há, em verdade, outro personagem decisivo, aquêle que o próprio sr. Nereu Ramos preestabelece como condição de tudo: o sr. Juscelino Kubitschek. Mas, como o que menos a êste se pode negar é atilamento, de esperar é que saiba pôr-se à altura da situação. Em suas mãos também está a paz.